

## FORMAÇÃO *ONLINE* SOBRE DROGAS PARA DOCENTES NA PERSPECTIVA DA REDUÇÃO DE DANOS: O PONTO DE VISTA DOS CURSISTAS

Francisco José Figueiredo Coelho<sup>75</sup>  
Simone Souza Monteiro<sup>76</sup>

### Resumo

Pesquisas revelam que drogas circulam entre os jovens, mas diante do despreparo dos professores, o tema não é abordado nas escolas. Este estudo descreve um curso de formação *online* sobre drogas para docentes - informada pela perspectiva da Redução de Danos como modelo crítico e emancipatório - e as atividades educativas desenvolvidas na etapa final da formação. Apesar de ainda haver dúvidas sobre a concepção de redução de danos, os cursistas entrevistados promoveram espaços de diálogo e aprendizagem sobre drogas com suas turmas. Os resultados sugerem que o curso pode contribuir para a abordagem do tema entre estudantes.

**Palavras-chave:** Educação sobre drogas. Redução de danos. Formação de professores. Curso a distância sobre drogas. Drogas e Saúde nas escolas.

## ONLINE EDUCATION ON DRUGS FOR TEACHERS IN THE PERSPECTIVE OF DAMAGE REDUCTION: THE VIEW OF CURSISTS

### Abstract

Research shows that drugs circulate among young people, but faced with the lack of preparation of teachers, the issue is not addressed in schools. This study describes an online training about drugs for teachers, informed by harm reduction as a critical and emancipatory model, and the educational activities developed by teachers in the final stage of training. Although there are still doubts about the concept of harm reduction, the students interviewed promoted spaces for dialogue and learning about drugs with their classes. The results suggest that the course can contribute to the approach of the subject among students.

**Key-words:** Drug education. Harm reduction. Teacher training. Distance learning courses. Drugs and Health in schools.

---

75      Doutorando em Ensino em Biociências e Saúde – PGEBS/IOC/FIOCRUZ. Coordenador do curso Educação, Drogas e Saúde nas escolas - Fundação CECIERJ. Pesquisador colaborador e líder de GT Educação sobre drogas - GIEESAA/UFRJ. Docente I da Secretaria de Estado de Educação – SEEDUC/RJ. E-mail: ensinodeciencias.ead@gmail.com

76      Pesquisadora em Saúde Pública do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fiocruz e membro permanente da Pós-graduação em Saúde Pública/ENSP e da PG Ensino em Biociências e Saúde/IOC. Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (1999), com pos-doutorado na Columbia University (2011-2012). E-mail: monteiro.simone.fiocruz@gmail.com

## L'ÉDUCATION EN LIGNE SUR LES DROGUES POUR LES ENSEIGNANTS DANS LA PERSPECTIVE DE LA RÉDUCTION DES DOMMAGES: LE POINT DE VUE DES CURSISTES

### Résumé

La recherche montre que les drogues circulent parmi les jeunes, mais étant donné le manque de préparation des enseignants, le problème n'est pas abordé dans les écoles. Cette étude décrit une formation en ligne sur les drogues pour les enseignants, éclairée par la réduction des dommages en tant que modèle critique et émancipateur, et les activités éducatives développées pendant la formation. Bien qu'il subsiste des doutes sur le concept de réduction des dommages, les étudiants interrogés ont fait la promotion d'espaces de dialogue et d'apprentissage de la drogue avec leurs classes. Les résultats suggèrent que le cours peut contribuer à l'approche du sujet parmi les étudiants.

**Mots-clés:** Education sur les drogues. Réduction des dommages. Formation des enseignants. Cours d'apprentissage à distance sur les drogues. Drogues et santé dans les écoles.

### INTRODUÇÃO

Dados do Centro Brasileiro de Informações sobre drogas psicotrópicas (CEBRID) e da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PEnSE) revelam que o consumo de drogas faz parte do cotidiano de adolescentes (CEBRID, 2006, 2010; BRASIL, 2013, 2016). Todavia, a literatura aponta o embaraço e o despreparo das escolas para conversar com os jovens sobre o assunto (FERREIRA *et al.*, 2010; ADADE, 2012; MIDFORD, 2012; ADADE e MONTEIRO, 2014; MOREIRA, VÓVIO e DE MICHELI, 2015; SUDBRACK *et al.*, 2015; MOFFAT, HAINES-SAAH e JOHNSON *et al.*, 2017).

A Educação sobre drogas foi incorporada, em 1998, aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e à formação de profissionais de ensino, estando assegurada pela Lei 11.343 (BRASIL, 2006). Contudo, a implementação dessa diretriz implica em investimentos na formação inicial e continuada dos professores. Nessa direção, Coelho e Monteiro (2017b) desenvolveram uma proposta de Educação à distância (EaD) sobre drogas como possibilidade flexível e gratuita para sensibilização e instrumentalização de docentes no Estado do Rio de Janeiro interessados no tema. Denominado “Educação, Drogas e Saúde nas Escolas”, o curso teve por base um modelo preventivo-educativo, informado pela perspectiva da Redução de danos (RD),

que se contrapõe às seculares práticas proibicionistas-punitivas. O curso resultou de uma parceria entre o Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (LEAS/IOC/Fiocruz) e a Fundação CECIERJ, referência em cursos *online* de atualização docente.

Este artigo apresenta os fundamentos teórico-metodológicos da formação *online* sobre drogas. Em seguida, tendo por base entrevistas realizadas com cinco professores cursistas, descreve as atividades educativas desenvolvidas pelos docentes em suas respectivas escolas durante a etapa final do curso. Por meio desse enfoque, objetivou-se identificar em que medida o curso contribuiu para promover ações educativo-preventivas sobre drogas, informadas por uma perspectiva dialógica, crítica e emancipatória. O estudo faz parte de uma tese de doutorado em andamento e tem cumprido todas as exigências do Comitê de Ética e Pesquisa do IOC/Fiocruz, sob registro de número 1.787.843/2016.

## FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO SOBRE DROGAS

Ao definir uma abordagem educativa sobre o uso de drogas faz-se necessário indagar que jovens queremos formar: sujeitos emancipados intelectualmente e capazes de indagar o sistema político, que atendam à democracia e busquem melhorias para a sociedade ou estudantes que reproduzam mitos e julgamentos equivocados, pré-estabelecidos culturalmente?

Com base nessa definição, cabe considerar os fundamentos teórico-metodológicos das propostas educativas que vêm sendo implementadas. Assim, importa destacar a falta de efetividade de ações centradas no amedrontamento, caracterizada pelo discurso “antidrogas” (HART, 2014). Acselrad (2015) critica a abordagem de guerra às drogas dentro do espaço escolar, afirmando que “o adestramento não pressupõe uma reflexão inteligente; é simples resposta automática, deixando a pessoa indefesa diante do acaso, dos imprevistos que são recorrentes” (ACSELRAD, 2015, p. 17).

Demais autores, como Sodelli (2011), Midford *et al.* (2014) e Moffat, Haines-saah e Johnson (2017), são igualmente críticos ao enfoque proibicionista e punitivo nas proposições educativas sobre drogas, que busca informar de forma assustadora. Eles argumentam ser importante compreender o uso de drogas como parte da realidade humana, comprovada historicamente. Isso implica em considerar a diversidade e as singularidades socioculturais envolvidas no consumo. Logo, o problema da droga não existe em si, sendo o resultado do encontro de um produto, uma personalidade e um modelo sociocultural.

De acordo com essa perspectiva, ao se falar de drogas na escola, ao invés de proibir, a atenção principal deveria estar focada em minimizar as consequências do uso abusivo, estabelecendo como meta das ações educativas não apenas a interrupção do uso, mas alternativas de apropriação consciente (ACSELRAD, 2015). Nessa ótica, cabe promover a reflexão sobre o abuso e a dependência, as situações críticas de risco e de perda da liberdade (BRASIL, 1998; SODELLI, 2011). Partindo dessa premissa, os PCN exemplificam possibilidades de transversalizar o assunto drogas, relacionando-o a outros temas ligados à saúde e ao cotidiano dos jovens:

Uma possibilidade realista de trabalhar a questão do risco é a identificação das associações entre seus diversos componentes como consumo de álcool e acidentes de trânsito ou consumo de drogas injetáveis e aumento da vulnerabilidade ao vírus da Aids. Na realidade, as mortes violentas que atingem particularmente os adolescentes revelam como regra geral uma associação de riscos que não podem ser tratados de forma isolada [...]. (BRASIL, 1998, p. 281).

Em acordo com os PCN, Acsehrad (2015) observa que o assunto drogas é visto quase todos os dias na mídia, ora como doença a ser tratada, ora como caso de polícia, mas há muita desinformação social em torno do tema. O preconceito, somado a julgamentos inadequados e cientificamente equivocados, aumenta o tabu em torno do assunto e dificulta sua discussão na escola e em casa com seus familiares. Nas suas palavras:

Os adultos, pouco informados, tendem a imaginar que todos os adolescentes usam drogas ilícitas. Se o adolescente é mais rebelde, se não presta atenção às aulas, se anda meio isolado dos colegas – atitudes

bastante comuns nessa fase da vida - logo tende a ser visto como quem usa drogas [...]. (ACSELRAD, 2015, p. 12).

Diante dessa realidade, o que se espera de uma educação preventiva é preferencialmente uma abordagem centrada na aprendizagem social de valores, atitudes e limites, tendo em vista que o uso indevido de drogas faz parte da vida cotidiana dos escolares (BRASIL, 2014, 2016; CEBRID, 2006, 2010). Nesse sentido, deve prevalecer uma visão integrada de educação que auxilie na democratização e emancipação dos sujeitos, capaz de contemplar diferentes campos disciplinares e não um foco exclusivo nas disciplinas de biociências. Desde sua publicação, os PCN apoiavam essa iniciativa, sugerindo que assuntos ligados à saúde dos estudantes fossem discutidos por profissionais de quaisquer disciplinas da educação básica.

Vale destacar que no Brasil, até a década de 1990, pouco se pesquisava sobre drogas, sobretudo nas áreas de Educação e Ensino. Essa ausência de investigações científicas no contexto brasileiro nos levou a, além da negligência, equívocos relacionados à importação de modelos de outras realidades. Isso gerou impactos no currículo, que se apropria e realiza adaptações de campanhas de interdição, sem levar em conta as individualidades e como cada adolescente encara o tema. Segundo Adade (2012), parte desses modelos refletem práticas norte-americanas proibicionistas.

O caso do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas) é ilustrativo. Esse programa foi implantado em 1992 pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), a partir de uma adaptação para o Brasil do programa norte-americano *Drug Abuse Resistance Education* (D.A.R.E). Atualmente é adotado em todos os estados brasileiros. Policiais militares, fardados, devidamente treinados e com material próprio (livro do estudante, camiseta e certificado) desenvolvem um curso de prevenção às drogas e à violência na sala de aula, voltado para os alunos do primeiro segmento do ensino fundamental e, por vezes, seus pais e responsáveis legais. A proposta centra-se numa concepção negativa de drogas, resultado do poderio econômico e cultural dos Estados Unidos (ADADE, 2012; HART, 2014) por meio de uma visão predominantemente proibicionista e no “despreparo pedagógico” (aspas nossos) dos policiais para lidar com o tema entre os alunos. Hart (2014) critica esses programas ao sinalizar que:

O policial é frequentemente indicado a educar o público sobre drogas. Poucas iniciativas tiveram efeito. Os policiais são treinados para capturar criminosos e prevenir e detectar crimes em nome da ordem. Não são treinados em farmacologia, psicologia ou ciências comportamentais para entenderem a interação do usuário e o seu meio. (HART, 2014, p. 312).

Para Hart, policiais fardados e encarregados pela ordem não estão qualificados para servir de especialistas em Educação só porque fazem detenções que envolvem drogas. Tal perspectiva não considera a singularidade dos elementos envolvidos (quem usa, porquê, de que droga se apropria etc.) e o contexto cultural e social dos indivíduos, podendo levar a perpetuação de mitos. Quer dizer, é um equívoco generalizar o termo “drogas” sem considerar suas diversidades químicas, suas formas de consumo e as relações cotidianas estabelecidas no uso dessas substâncias. Isso pode confundir os estudantes e reforçar um viés preconceituoso (BRASIL, 1998; ACSELRAD, 2015; MEEHAN, 2017).

Em desacordo com as práticas visíveis aos jovens e que permeiam o cotidiano de sua vivência social, os discursos de combate às drogas sugerem que elas são produtos ilegais e misteriosos e seus consumidores são os outros, marginais e traficantes, a serem excluídos do convívio social (BRASIL, 1998). Isso dificulta o entendimento do assunto para o adolescente e corrobora com a propagação de mitos e estigmatização em torno do tema (SOUZA, 2016; MEENHAN, 2017). Ademais, os efeitos nocivos do uso abusivo ou não orientado de medicamentos (de fácil acesso e não divulgados pelas propagandas) não são problematizados.

Em suma, com base nos PCN e na produção acadêmica depreendemos que a Educação sobre drogas centrada numa visão essencialmente proibicionista-punitiva pode constituir-se em um discurso alarmante e vazio. Isso quer dizer que não leva em conta os sentidos sociais do fenômeno, nem repercute sobre a capacidade de discernimento dos verdadeiros riscos e das minimizações aos possíveis danos gerados com o uso dos entorpecentes entre os estudantes (BRASIL, 1998; ACSELRAD, 2015; SODELLI, 2010, 2011; ADADE, 2012; ADADE e MONTEIRO, 2014; MIDFORD *et al.*, 2012). Cabe buscar outras alternativas, apresentadas a seguir.

## **REDUÇÃO DE DANOS (RD): UMA ALTERNATIVA EDUCATIVA DEMOCRÁTICA E EMANCIPATÓRIA**

Para diferentes autores (TRIGUEIROS e HAIEK, 2006; SODELLI, 2010, 2011; SOUZA e MONTEIRO, 2011; ACSELRAD, 2015; COELHO e MONTEIRO, 2017a), a RD se contrapõe à proposta de abstinência da campanha antidroga pelo fato de não idealizar ou prometer o fim do consumo de drogas como solução. Coerente com os princípios de uma política universalista, a RD se volta tanto para a prevenção quanto para o cuidado. Contextualizando o termo, no caso do usuário ativo de drogas, ela foca no aconselhamento e dá a devida importância à aproximação e à vinculação, levando-o a refletir sobre o uso, conhecendo melhor seus danos e, se assim desejar, fazê-lo de maneira segura a fim de minimizá-los (TRIGUEIROS e HAIEK, 2006).

Para melhor compreender a política e o enfoque da RD no campo do ensino e suas implicações como modelo educacional preventivo, é conveniente compartilharmos um pressuposto histórico-cultural: o uso de drogas é parte indissociável da história da humanidade. Sendo assim, a pretensão de um mundo livre de drogas não passa de uma ilusão (ESCOHOTADO, 1997; ACSELRAD, 2015; SODELLI, 2011; RIBEIRO, 2013). Abordagens para interditar seu uso forçosamente não têm se mostrado enquanto medida eficaz. Isso nos fornece pistas para pensar que uma proposta educativa essencialmente repressora se distancia de uma formação que prepare o aluno para a convivência harmônica e o respeito ao estado democrático de direitos.

A nosso ver, o pensamento de erradicação do uso das substâncias psicoativas desconsidera a dimensão biopsicossocial dos indivíduos e suas vulnerabilidades (SODELLI, 2010, 2011; SILVA, RODRIGUES e GOMES, 2015). Do contrário, torna o proibicionismo uma abordagem mais violenta do ponto de vista moral e, por que não dizer, ético. Isso é evidenciado no usual termo “guerra” às drogas. Ideologicamente, não visa apenas combater o uso abusivo das drogas, mas guerrear pela punição a seus usuários, criando e alimentando os estereótipos (COELHO e MONTEIRO, 2017a; MEENHAN, 2017).

Como ressalta Ribeiro (2013), o enfoque proibicionista carrega em si uma rotulagem sociocultural (maconheiro, maluco, delinquente, vagabundo, bandido, marginal etc.) que deprecia o indivíduo e tende a isolá-lo do convívio social (SOUZA, 2016; MEENHAN, 2017), ideia já destacada por Goffman (2015) ao discutir o conceito de estigma. A nosso ver, isso implica em desdobramentos que dificultam a formação de um sujeito crítico e autônomo, inibindo que o currículo escolar assuma uma dimensão transversal e preocupada com os princípios de pluralidade democrática, exercício da cidadania, respeito aos direitos humanos e de saúde (RIBEIRO, 2013).

Sodelli (2011), sugere a RD como enfoque estruturante de uma prevenção primária em relação ao uso abusivo de drogas. Destaca que o objetivo da prevenção não deveria ser o de acabar com o uso de drogas, pois esta é uma tarefa impossível. Propõe, portanto, que:

Trabalhos preventivos que preconizam somente a proibição do tipo “não pode porque não pode” vêm se mostrando ineficazes no lidar com a problemática do uso de drogas. Assim, a prevenção deveria, fundamentalmente, assumir a tarefa de intervir na redução dos níveis de vulnerabilidade ao uso nocivo das substâncias psicoativas [...] (SODELLI, 2011, p. 642).

Em aproximação ao pensamento de Sodelli (2011), o documento educacional produzido pela rede mundial da juventude (NU, 2005), órgão ligado à Organização das Nações Unidas, intitulado “Escolas: Educação no meio escolar para a prevenção do abuso de drogas” (*Écoles: éducation en milieu scolaire pour la prévention de l’abus de drogues*), preconiza práticas educativas que estimulem a capacidade de decidir e prevenir as consequências negativas à própria saúde, como revela o trecho:

O primeiro papel da escola é ensinar saberes, adquirir habilidades e comunicar uma base de valores sadios relacionados à saúde e utilização de drogas, não de mudar comportamentos que podem ser determinados por fatores que escapam da influência escolar [...] (NU, 2005, p. 13 – tradução nossa<sup>77</sup>).

<sup>77</sup> Citação original: Mais le rôle premier de l'école est d'enseigner des savoirs, de faire acquérir des compétences et de communiquer une base de valeurs saines en rapport avec la santé et l'utilisation de drogues, non pas de changer les comportements qui peuvent être déterminés par des facteurs qui échappent à son influence ((NU, 2005, p. 13).

Midford *et al.* (2014) pontuam que os programas escolares que buscam desenvolver uma educação sobre drogas baseada na RD devem proporcionar conhecimentos e competências práticas que permitam aos jovens tomar decisões mais seguras em matéria de consumo de substâncias psicoativas. Os autores sugerem pensar na redução não apenas como dano, mas também como risco (MIDFORD *et al.*, 2014). Dito de outra forma, pensar na RD como modelo educativo-preventivo significa valorizar uma composição curricular que se destaque não apenas pela sua transversalidade (BRASIL, 1998; COELHO e MONTEIRO, 2017a; COELHO, TAMIASSO-MARTINHON e SOUSA, 2017), mas pelo caráter político e emancipatório que pode oferecer aos estudantes. Legitima-se, dessa forma, uma Educação sobre drogas mais dialógica e democrática, esclarecendo e dando subsídios para o enfrentamento de situações futuras.

## **O CURSO ONLINE**

O curso Educação, Drogas e Saúde nas Escolas buscou contemplar os princípios da RD assinalados até então. Apoiou-se em duas outras formações. A primeira, presencial, foi o Projeto Saúde e Drogas, desenvolvida pelo LEAS, com apoio do Instituto C&A de Desenvolvimento Social (MONTEIRO *et al.*, 2008). A segunda, à distância, refere-se ao Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, realizado pelo PRODEQUI/UnB (SUDBRACK *et al.*, 2015).

Para ocorrer via *online*, a formação sobre drogas teve que adequar-se aos critérios das disciplinas dos cursos de Atualização da Fundação CECIERJ, sendo elaborada no ambiente virtual MOODLE, com carga horária de 30 horas semanais, distribuídos em doze semanas. Teve início em setembro e terminou no final de novembro de 2017. Contou com a participação de 51 professores<sup>78</sup>, grande parte da rede pública do Rio de Janeiro.

---

<sup>78</sup> Foi matriculado um número maior de cursistas. Contudo, apenas 51 chegaram à segunda etapa.

O curso foi estruturado em duas etapas: a primeira, com sete semanas de duração, em que os professores foram estimulados a debater sobre questões reais sobre drogas, centradas na abordagem de RD. E a segunda, com cinco semanas, teve o propósito de orientá-los a construir e implementar atividades sobre educação e drogas. Essa segunda etapa, chamada de Mãos na massa, visou associar a formação teórica e prática do docente ao estimular que ele desenvolvesse ações educativas sobre drogas em sua escola, tendo em vista as especificidades de cada região.

Durante as doze semanas, as discussões nos fóruns temáticos tiveram como base: conversações sobre experiências concretas e pedagógicas dos cursistas; situações-problema<sup>79</sup> lançadas ao longo dos fóruns e sugestões de ferramentas pedagógicas usadas para levar o debate sobre drogas para as escolas, apoiadas em atividades participativas (CAHILL *et al.*, 2014). De forma complementar e para enriquecimento das discussões, foram sugeridos: textos de apoio, links, vídeos educativos, documentários, músicas, charges, ilustrações etc. Foi criada uma biblioteca virtual sobre drogas, que depositou a maioria dos materiais utilizados como referência de leitura para a formação. Tais recursos foram agregados para servirem como subsídios para a compreensão de conceitos e exemplos de ações educativas sobre drogas.

Após cerca de três meses da finalização do curso (final do mês de fevereiro de 2018) realizamos entrevistas individuais (semiestruturadas) com cinco professores de disciplinas e municípios diferentes, quais sejam: Q10F44BIO, Q16F25LET, Q20F45QUI, Q49F36SOC e Q30F50MAT<sup>80</sup>. Todas as entrevistas foram realizadas via *Skype*, exceto com a última professora (presencial). Elas foram registradas pelo celular por meio do aplicativo gratuito de gravador de voz HQ recorder versão 5.

---

<sup>79</sup> Algumas situações-problema foram adaptadas do Jogo da Onda, produzido pelo LEAS (REBELLO e MONTEIRO, 1998). Trata-se de um jogo de tabuleiro que visa promover o diálogo, a interação e o conhecimento entre jovens, pais e educadores por meio de uma aprendizagem colaborativa compartilhada.

<sup>80</sup> Para manter o anonimato, cada entrevista recebeu um código. Por exemplo, Q16F25LET significa questionário nº 16 (ordem de organização e análise), de uma professora (gênero feminino - F) com 25 anos que leciona na área de letras (LET). As iniciais BIO, QUI, SOC e MAT significam, respectivamente, biologia, química, sociologia e matemática.

As respostas foram transcritas e sistematizadas seguindo a análise temática proposta por Fontoura (2011). Além das entrevistas, utilizou-se um questionário de perfil, um de avaliação do curso e a observação da interação no ambiente virtual como instrumentos de coleta de dados. Nesse artigo, entretanto, apresentaremos apenas os dados referentes às entrevistas.

## **A VISÃO DOS DOCENTES CURSISTAS**

Todos os professores entrevistados atuavam em escolas públicas. Quatro desenvolveram o Mãos na massa com turmas do ensino médio da rede estadual; apenas Q16F25LET realizou a proposta com alunos do ensino fundamental de uma rede municipal. A maior parcela apresentava dois tempos semanais de aula com cada turma, exceto Q30F50MAT (4 tempos). Apresentaremos a seguir os resultados e suas respectivas discussões, estruturadas em 3 eixos: as propostas educativas desenvolvidas e suas relações com a RD; as repercussões da implementação dessas propostas no cotidiano escolar; contribuições do curso *online* para a realização das ações preventivas.

### ***Sobre as propostas educativas implementadas nas escolas e suas relações com a RD***

Com exceção da professora Q30F50MAT, os demais profissionais propuseram como objetivo a construção de espaços de diálogo e aprendizagem sobre o assunto por meio de debates participativos e que desenvolvessem o espírito crítico dos estudantes. Desse modo, centraram suas atividades em espaços que oportunizassem “poder de voz” a seus alunos, contando com as seguintes estratégias: debates a partir de questões norteadoras sobre o uso do tabaco por meio do filme “Obrigado por fumar”(Q49M36SOC); júri-simulado de defesa e ataque sobre psicoativos (crack, álcool, tabaco e maconha) com debates após a atividade e produção textual referente aos assuntos tratados (Q20F45QUI); discussão sobre o uso abusivo de drogas a partir de charges (QQ1F44BIO); análise e interpretação da música Cachimbo da Paz e

debates a partir de questões norteadoras e desenhos relacionados com a exibição da animação *Guerra ao Drugo* (Q16F25LET). Quer dizer, os professores buscaram desenvolver o espírito crítico dos jovens e não apenas a reprodução de conceitos acerca dos danos físicos, preocupação oferecida aos cursistas durante a formação. Os depoimentos a seguir exemplificam o teor dessas ações educativas:

Foi conscientizar os alunos para que eles chegassem a conclusão que: ou não usar ou usar com os devidos cuidados, né? Aquele que já estava inserido mesmo no mundo das drogas e que ele fizesse a coisa que causasse o mínimo de dano possível à saúde dele [...] (Q20F45QUI).

Em relação ao curso, que foi ... é ... utilizar as charges para trabalhar como uma das propostas que nós tivemos no curso. Para trabalhar a questão da redução de danos (Q10F44BIO).

Notamos que os cursistas centraram seus debates em torno de um ou mais recursos educativos oferecidos pela formação. Contudo, eles gerenciaram essas ferramentas e as adaptaram para suas realidades escolares tornando-as atividades que demandavam participação em equipe. Essas tendências se articulam com as atividades participativas descritas por Cahill *et al.* (2014) e da capacidade de processamento (*trialability*) proposta por Moffat, Haines-saah e Johnson (2017). Nessa direção, informados pela troca de experiências e trabalho em equipe, eles acomodaram as necessidades de aprendizagem dos estudantes com a escassez de materiais que era oferecida pela escola. A preocupação, portanto, não estava no recurso em si, mas na capacidade de processá-los, adaptando-os seus diferentes contextos e públicos.

Centrados na RD, os professores Q16F25LET e Q49M36SOC mencionaram nos objetivos de suas atividades a importância da redução de tabus e estigmas acerca do assunto, buscando questionar visões equivocadas por meio do esclarecimento aberto e democrático com seus estudantes:

Bom, a minha ideia quando eu pensei em fazer esse *Mãos na massa* aí... Primeiro escolher um filme. Pensar num material que os alunos seriam atraídos, que chamaria a atenção deles. E falar de um assunto que infelizmente está muito presente nas periferias das cidades, na baixada está muito presente, que é a questão da droga. E que infelizmente é abordado de uma forma um pouco equivocada (Q49M36SOC).

Então, o meu objetivo no momento que eu pensei nessa ação educativa foi, principalmente, desmistificar a relação que os alunos têm com as drogas. Seria mais ampliar a visão deles desse conceito e aí trazer novas propostas de ... como eu posso dizer? ... de ideias a respeito do que é mesmo o conceito (Q16F25LET).

A professora Q30F50MAT apresentou uma proposta mais centrada na divulgação de informações, frente à carência de saberes transversais e interdisciplinares de sua formação inicial e continuada. Ela relatou ter realizado uma enquete com estudantes do segundo ano e a partir desses dados trabalhou conceitos relacionados a sua disciplina. Para as turmas de Educação de Jovens e adultos (EJA) noturna, ofereceu uma palestra sobre produtos ilícitos. Nas suas palavras:

(...) Eu trabalhei com a minha turma de ensino médio e também trouxe para a escola, para o noturno que é a EJA, né? (...) O objetivo, a princípio, foi mais informativo. Mesmo porque eu, sendo da área de ciências exatas, eu não tinha ainda passado por essa experiência de trabalhar um assunto que não fosse dentro da minha área (Q30F50MAT).

Para a maioria dos entrevistados o curso os instrumentalizou a lidar com o tema, a partir de conceitos, estratégias e recursos pedagógicos sobre drogas para o trabalho preventivo em sala de aula, uma demanda citada como motivação pela maior parte dos professores.

Os entrevistados Q10F44BIO e Q49M36SOC contaram com o apoio de colegas de suas unidades de ensino, uma psicopedagoga e um professor de química, respectivamente. Em ambos os casos, houve apenas apoio na organização da atividade, mas sua implementação foi realizada exclusivamente pelo professor. A professora Q30F50MAT realizou sozinha a atividade no período da manhã e, no ensino noturno, contou com a ajuda da articulação pedagógica e de outros colegas que cederam suas aulas para que os alunos do ensino noturno assistissem a palestra. Esta aconteceu em parceria com o curso de enfermagem da UNIVERSO. A professora Q16F25LET realizou todas as etapas do Mãos na massa sem qualquer auxílio.

Dos cinco entrevistados, todos veem perspectiva de continuidade das ações em suas escolas. Entretanto, apenas a professora Q20F45QUI tem desenvolvido atualmente ações educativo-preventivas sobre drogas em sua escola, havendo demais

ações já agendadas no calendário letivo de sua instituição. Os demais professores não citaram ações específicas previstas para o ano, reconhecendo apenas possibilidades de continuidade com ações que englobem mais professores e turmas.

### ***Repercussões no cotidiano escolar com a implementação do Mãos na massa***

Para os cinco entrevistados não foi possível identificar grandes repercussões devido ao curto período (final do ano letivo) dedicado à implementação. Contudo, com exceção de Q30F50MAT, os demais foram enfáticos ao relatarem que os estudantes se revelaram interessados na discussão do tema. Para alguns, isso foi considerado uma facilidade da ação educativa:

A grande questão que eu notei de influência de um projeto como esse é que a gente conseguiu falar sobre o assunto, que infelizmente ele é tabu. Os alunos não tiveram resistência, eles falaram tranquilamente. Então...eu notei que era já um assunto que eles provavelmente já queriam que fosse tratado pelo professor, né? [...] (Q49M36SOC).

Foi muito no finalzinho do ano, né? Então não deu para a gente ter muito...o retorno, como é que foi. (...) Mas, a gente observou na produção de texto que eles usaram aquele espaço muito para, tipo sala de terapia, tipo um divã, para se abrir mesmo. Ele viu que ali ele não estava sendo condenado. Então ele começou a se abrir (Q20F45QUI).

Essas declarações se aproximam dos resultados obtidos com o Projeto DESEJA<sup>81</sup> (COELHO, TAMIASSO-MARTINHON e SOUSA, 2017). Ambas as experiências sugerem que ações preventivo-educativas podem ser um espaço de esclarecimento, de tranquilidade e conforto para os estudantes. Nessa direção, é possível que os estudantes se sensibilizem quando o tema drogas está associado a algum momento em particular de suas vidas, como casos de alcoolismo ou overdose de algum parente

---

<sup>81</sup> O Projeto DESEJA é uma ação de extensão entre o Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA/UFRJ) e algumas escolas públicas estaduais do Rio de Janeiro, promovendo uma integração entre o ensino noturno EJA e os alunos do ensino fundamental II a partir de debates sobre drogas.

ou amigos. Experiências como essa foram relatadas por COELHO, TAMIASSO-MARTINHON e SOUSA (2017).

Durante a implementação do Mãos na massa alguns professores perceberam reciprocidade discente na ação e oportunidade para conhecerem melhor os estudantes e suas visões/experiências, como relatado nas transcrições a seguir:

[...] Nesse momento eu coloquei que, no final do ano, eu realizei com duas turmas um trabalho sobre drogas. Que foi muito proveitoso porque foi dado voz a esses alunos. E muitos alunos que eram tímidos conseguiram falar. E eu fiquei até surpresa, fiquei até ... me surpreendeu. Alunos que eu nunca tinha escutado a voz, o aluno se colocou e falou coisas, assim, interessantes (Q10F44BIO).

[...] Eu até gostaria de ter tido mais tempo na época que eu comecei para continuar a desenvolver. Por que o que eu percebi é que teve alguns alunos que, depois dessas duas aulas, dessas discussões, do vídeo, eles conseguiram ... abrir um pouco a mente. (...) mas teve outros, que mesmo com as nossas conversas, mesmo com o vídeo, não conseguem ainda associar ... talvez a palavra, não sei... a um conceito mais aberto. Então eu acho que seria interessante trazer novas propostas (Q16F25LET).

No depoimento da professora Q30F50MAT foi observada a não compreensão do conceito de RD, conforme expresso no relato:

Olha ... eu acho o assunto muito pertinente, sendo que nós temos algumas regras de elaboração de projetos em nossa escola. Esse ano, a secretaria de Educação quer trabalhar com a violência. E que também podemos puxar um pouco aí, um pouco, porque tem tudo a ver. Porque tem tudo a ver violência com drogas. A droga pode gerar uma violência. (...) Mas, é... existe sim uma possibilidade, uma perspectiva da gente estar retomando esse assunto sempre. Esse é um assunto sempre constante nas escolas (Q30F50MAT).

Embora a professora julgue o assunto pertinente e tenha desejado levar essa proposta para sua escola, há um certo equívoco ao associar a violência com as drogas. Isso revela um estigma, resultado de generalizações imprecisas, como se todos os casos de violência fossem justificados pelo uso de entorpecentes. Tentamos “romper” com esse pensamento no curso, estimulando os professores a refletir e “desconstruir” conceitos equivocados sobre o tema. Pensamentos que associam a violência ao uso de

drogas, próximos ao da professora Q30F50MAT, foram notados sobretudo no início da formação. Essa questão foi levantada por Hart (2014), implicando na reprodução de estigmas (GOFFMAN, 2015; SOUZA, 2016; MEEHAN, 2017) acerca do usuário de drogas.

Nas entrevistas com Q44M36SOC e Q16F25LET os discursos sobre a redução de tabu e estigmas foram ressaltados, indicando a apropriação pelos professores de algumas bases fornecidas pelo curso. Um outro ponto que tornou, segundo eles, a implementação do Mãos na massa mais “simples” foi a infraestrutura oferecida pelo curso, pelos materiais teóricos, tecnológicos e estratégicos, como apontado abaixo:

A primeira facilidade foi o material de apoio que nós tivemos aí no curso...da Fundação. E ele deu segurança para a gente tratar esse assunto, né? (...) Então, o material teórico da Fundação... ele possibilitou uma abordagem bem legal, né? Sugestões lá nas discussões com os outros professores, com os cursistas...então deu para a gente pensar numa abordagem bem legal. Diálogo entre os cursistas e o material da formação (Q44M36SOC).

Além do curto período para implementar o Mãos na massa, outra dificuldade comentada esteve associada à carência na infraestrutura, desde problemas com recursos tecnológicos (com o aparelho de DVD, dificuldade de salas disponíveis e afins) e de ordem política, como a seguir destacado:

De implementação foi mais isso mesmo. Eu acho que o problema nessa escola foi material mesmo, de recursos... porque a Direção apoia. Esse Diretor problemático ...da eleição e tal... estava tipo boicotando tudo o que a gente fazia. Foi mais isso mesmo, o uso do material, do projetor... Eu até tenho projetor, mas o da escola estava funcionando então eu não levei o meu [...] (Q20F45QUI).

[...] O colégio estadual, público, até para fazer a exibição, eu tive que rodar um monte de sala procurando uma TV que funcionasse, né? Tinha o DVD que estava com mal contato. (...) Fio que não funciona, a TV que tem problema, a sala que não tem ar condicionado, a sala que foi reservada por alguma outra atividade [...] (Q44M36SOC).

Cabe salientar que alguns professores reconhecem a limitação para trabalhar o tema, fenômeno atestado por outros estudos (FERREIRA *et al.*, 2010; ADADE, 2012; ADADE e MONTEIRO, 2014; MOREIRA, VÓVIO e DE MICHELI, 2015). Como assinalado,

tal receio decorre da desinformação social sobre drogas, visto que trata-se de um tema delicado e ainda tabu para muitas pessoas, como notado nos relatos:

O Diretor, que é um rapaz novo de trinta e poucos anos, falou: “Ah não... não. Não leva porque isso vai causar problema e depois vai aparecer pai aqui.” Mas eu disse: “À noite, só terceiro ano, nem tem crianças”. Ele disse: “Não leva, não leva”. Porque ele ficou com medo. É uma dificuldade isso (Q2F45QUI).

[...] É um desafio para discutir acerca disso. (...) Mas o que eu percebi foi que alguns professores souberam do que eu havia desenvolvido e ficaram meio espantados: “Nossa, você vai falar sobre isso?”. E porque até mesmo os professores têm essa mentalidade antiquada da droga ser apenas como algo ilícito, né? Aquela parte ilícita mesmo, como algo perigoso (Q16F25LET).

Aliada à ideia da promoção de conexões transversais e interdisciplinares para a promoção de um projeto maior nas escolas, os professores complementam que um dos desafios é justamente sair da disciplina e a discussão sobre drogas se tornar um projeto pedagógico maior, como ilustrado a seguir:

Desafio é você envolver os seus colegas de trabalho. É você abraçar a causa. (...) Então... esse é um desafio. Essa é uma dificuldade! É você trazer os seus outros colegas de disciplina a desenvolver um trabalho em torno desse tema (Q3F50MAT).

[...] Eu acho que o desafio, num assunto tão importante como esse, é você fazer que seja um projeto do colégio mesmo e não um projeto restrito a uma matéria. E ele acabou restrito à minha porque eu estava fazendo o curso [...] (Q44M36SOC).

De forma geral, a dimensão preventivo-educativa para o uso abusivo de drogas não é a prioridade dessas ações, ficando em segundo plano. Isso foi mais evidente nos relatos dos professores Q2F45QUI, Q30F50MAT e Q10F44BIO que, embora se preocupassem com a dimensão preventiva, consideravam a implementação dessas ações possíveis à medida que pudessem ser articuladas com suas disciplinas. Esse fenômeno não foi notado nos depoimentos de Q44M36SOC e Q16F25LET, que constantemente enfatizaram a importância de novos olhares acerca do assunto e favorecimento do bem-estar do jovem como ponto central dessas ações.

Complementando o parágrafo anterior, foi percebido certa dificuldade docente na realização de conexões transversais e interdisciplinares em suas práticas, abandonando ocasionalmente seus conteúdos específicos para promover debates mais centrados no respeito/compreensão do outro e no exercício da cidadania, propostas já sinalizadas por Coelho e Monteiro (2017a). Convém lembrar que todas as experiências proporcionadas aos jovens pela escola (incluindo as ações que estimulam a criticidade e o poder de decisão) constituem o currículo (MOREIRA e SILVA, 1999), mesmo que não estejam diretamente associadas a um saber disciplinar.

Para a professora Q2F45QUI e especialmente para os professores Q30F50MAT e Q10F44BIO, predomina uma visão de currículo enraizada nos conhecimentos específicos da área de suas formações. Dito de outra forma, para esses professores, ocorre uma espécie de “perda” de tempo. Falar sobre drogas, a nosso ver, se tornou o objetivo secundário, como evidenciado:

[...] E então eu botava a mais adiantada e ... eu usei só a turma mais adiantada. E a outra turma, quando soube, queria ter participado também. Por que os outros participaram e a gente não? Aí eu expliquei: foi simplesmente por tempo. Se eu perdesse ... né? Porque a gente perdeu, né, entre aspas. De conteúdo, a gente perdeu quatro aulas. Então eu não poderia ter aplicado avaliação, nada disso, se eu tivesse aberto mão dessas aulas (Q2F45QUI).

[...] Então esse trabalho aconteceu já no período de provas, de fechamento, então... inclusive como eu comentei ... (...) Então eu aproveitei a minha disciplina e trabalhei em forma de estatística, em forma de gráficos, e nós não tivemos tempo de trabalhar com o aluno em sala de aula o retorno desse trabalho (Q3F50MAT).

Mesmo tendo sido desenhado a fim de dialogar com diferentes disciplinas, abrindo-se aos temas transversais que tangem os PCN sobre saúde e oferecendo a integração entre cursistas de diferentes disciplinas, praticamente todos os professores entrevistados implementaram o Mãos na massa no período de suas aulas.

Não apenas o calendário do curso, mas fatores como prioridades educativas e infraestrutura institucional e, quiçá, a disponibilidade de contatos com outros órgãos e secretarias públicas, corroboram para o sucesso da ação. Para a maioria dos professores, a abordagem do tema e sua penetração do espaço escolar foi algo pioneiro e ainda carregado de equívocos de ordem conceitual, moral e pedagógica. Em

nosso entendimento, esses fatores justificam o porquê a maioria não conseguiu desenvolver parcerias na escola. Esses dados nos oferecem pistas para entender que a formação no primeiro semestre do ano seja mais convidativa à abertura de parcerias e projetos pedagógicos mais amplos e que agreguem mais turmas e membros escolares. Contudo, o oferecimento da formação no segundo semestre não inviabiliza sua disseminação nas escolas, visto que há profissionais que já inseriram projetos preventivos sobre drogas no calendário letivo do ano seguinte à realização da formação.

### **Contribuições do curso para implementação das ações preventivas**

No que tange a aprendizagem, todos os entrevistados julgaram a formação como muito boa em todos os aspectos. De forma geral, ela agregou diferentes saberes e práticas para esses professores. Nas entrevistas, os depoimentos acerca das contribuições da formação para a implementação do Mãos na massa indicam que ela foi vista como ferramenta efetiva de instrumentalização pedagógica, como destacado:

Ah... 100%. Acho que se eu não tivesse o curso eu nunca teria tido essa ideia de trabalhar esse tema e de ter essas ferramentas que a gente tem de filmes, de vídeos, de músicas. Por exemplo, eu até tinha esse conceito para mim a respeito das drogas, mas eu nunca ia imaginar que o meu aluno só consegue associar drogas à morte. (Q16F25LET).

Olha, para mim ... a contribuição foi muito grandiosa em torno dos conhecimentos. Trazer informações. (...) É uma linguagem bem fácil. (Q30F50MAT).

Quanto à construção de espaços de diálogo e aprendizagem sobre o assunto drogas, oportunizando reflexões e ideias que favoreceram a implementação do Mãos na massa, os depoimentos são ilustrativos:

Eu acho que eu ampliei muito, assim, o meu conhecimento mesmo pelas pesquisas que o curso me direcionou a fazer (...) Porque você, às vezes, nunca pensou por um lado. E aí o colega te mostra que tem “aquela” visão também. E aí você amplia sua visão... uma coisa que você nunca pensou em pesquisar (Q20F45QUI).

Então, o material teórico da Fundação... ele possibilitou uma abordagem bem legal, né? Sugestões lá nas discussões com os outros professores, com os cursistas...então deu para a gente pensar numa abordagem bem legal. Diálogo entre os cursistas e o material da formação. Isso deu um pouco de facilidade (Q44M36SOC).

Esses dados indicam que o curso forneceu subsídios teóricos e práticos para a formação e implementação de ações educativo-preventivas nas escolas. As ferramentas e as estratégias adotadas ampliaram as perspectivas desses profissionais em torno do assunto, embora alguns tenham finalizado o curso com visão centrada no proibicionismo e na abstenção do entorpecente como forma mais viável de prevenção. Trata-se não apenas de uma questão pedagógica, mas da necessidade da ruptura cultural cujas drogas são temas tabus e a abordagem clara, aberta ao diálogo e ao pensamento crítico ainda é confundida com apologia ao uso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora o tema drogas tenha sido incorporado aos parâmetros curriculares da educação básica desde a década de 1990 e esteja assegurado pela Lei 11.343/2006, pesquisas revelam o desconforto dos professores para lidar com o assunto. Essa carência tem sido confirmada em diversos estudos, o que dificulta o desenvolvimento de atividades educacionais sobre drogas no espaço escolar. Nesse sentido, a sugestão do tema como assunto transversal aos conteúdos disciplinares não tem garantido sua implementação. Por isso, os investimentos na formação de professores é uma medida mais abrangente de inserção do tema nas escolas.

Pensar, planejar e implementar ações educativas nas escolas (principalmente quando em equipe) pode estimular os jovens ao autoconhecimento e ao reposicionamento social. Nessa perspectiva, uma Educação sobre drogas centrada na RD pode converter o currículo num instrumento de poder e libertação cultural e intelectual, ouvindo o aluno para reconhecer suas experiências concretas em torno do

tema e dos fatores socioculturais, econômicos e políticos na análise de questões como o consumo das drogas.

Formações sobre drogas apoiadas no exercício da reflexão, em nosso entendimento, contribuem para o campo do currículo e do ensino ao promover novos olhares sociais em relação aos entorpecentes. Assim, estimula-se uma abordagem e enfrentamento mais dialógicos, que rompem paradigmas, mitos e estigmas. Acreditamos que esse dialogismo possa fazer da escola um ambiente mais acolhedor, esclarecedor e protetivo, contraposto a uma abordagem sobre drogas restrita à dimensão fisiológica e ao adestrando do estudante para o não uso. A partir da abordagem educativa de RD surge uma possibilidade de comungar esclarecimento científico, reflexões críticas acerca dos esquemas políticos e fortalecimento afetivo dos estudantes para lidar com o uso e abuso de substâncias psicoativas. Os depoimentos docentes e nossas discussões potencializam a RD como modelo educativo-preventivo.

Esperamos que a continuidade dessa e outras formações sobre drogas possam cada vez mais orientar os docentes para práticas educativas que promovam saúde por meio da criticidade e não da ditadura antidrogas. Oportunidades *online* e gratuitas, além de mais acessíveis ao professor, conjugam profissionais de realidades diversas e se colocam como fonte de aprendizagem social que estimulam o trabalho colaborativo. Nessas ocasiões, é possível orientar os professores para a desconstrução de mitos e estigmas com seus colegas de trabalho e seus alunos. Com isso, surge a possibilidade da construção de projetos mais amplos cuja prioridade, de fato, seja a redução de danos à saúde dos jovens.

## Referências

ACSELRAD, G. **Quem tem medo de falar sobre drogas?** Falar mais para se proteger. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015. p.164.

ADADE, M. A visão de estudantes sobre drogas: subsídios para ações educativas orientadas pela redução de danos. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Rio de Janeiro, 2012.

ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, jan./mar. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Saúde. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

\_\_\_\_\_. Lei n. 11.343, de 23 de agosto de 2006. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas, 2006.

CAHILL, H.; COFREY, J.; LESTER, L.; MIDFORD, R.; RAMSDEN, R.; VENNING, L. Influences on teachers' use of participatory learning strategies in health education classes. **Health Education Journal**. v. 73, nº 6, pp. 702-713, 2014.

CEBRID. II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. São Paulo, 2006.

CEBRID. VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio de redes públicas e privadas de ensino de 27 capitais brasileiras. Brasília, 2010.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: um olhar transversal rumo à democracia. In: IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias. Rio de Janeiro, 6, 2017, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017a. Disponível em: <<http://www.seminarioredes.com.br/ixredes/adm/trabalhos/diagramados/TR311.pdf>>. Acesso em 26 de março de 2018.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre Drogas: Possibilidades da EaD na Formação Continuada de Professores. **EaD em FOCO**, v. 7, n. 2, set. 2017b. Disponível em: <<http://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/577>> Acesso em: 08 de novembro de 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.18264/eadf.v7i2.577>.

COELHO, F. J. F.; TAMIASSO-MARTINHON, P.; SOUSA, C. Entre o dialógico e o emocional nas abordagens educativas sobre o uso do álcool e outras drogas. In: **IV Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**, 11, 2017, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Centro de Convenções, 2017. ISSN 2358-8829. Disponível em:<[http://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV073\\_MD1\\_SA18\\_ID2198\\_05102017223604.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA18_ID2198_05102017223604.pdf)>. Acesso em 12 de janeiro de 2018.

ESCOHOTADO, A. **O livro das drogas: usos e abusos, preconceitos e desafios**. São Paulo: Dynamis Editorial, 1997.

FERREIRA, T. C. D.; SANCHEZ, Z. V D. M.; RIBEIRO, L. A.; OLIVEIRA, L. G.; NAPPO, S. A. Percepções e atitudes de professores de escolas públicas e privadas perante o tema drogas. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, v.14, n.34, p.551-562, jul./set, 2010.

FONTOURA, H. A. Analisando dados qualitativos através da tematização. In: FONTOURA, H. A (Org). **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa.** Coleção Educação e Vida nacional. Niterói, RJ: Intertexto, 2011.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

HART, C. **Um preço muito alto.** 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

MEEHAN, C. “Junkies, Wasters and Thieves”: School-based Drug Education and the Stigmatisation of people who use drugs. **Journal for critical education policy studies**, v. 15, n.1, p. 85-107, mar., 2017.

MIDFORD, R.; CAHILL, H.; FOXCROFT, D.; LESTER, L.; VENNING, L.; RAMSDEN, R.; POSE, M. Drug education in victorian schools (DEVS): the study protocol for a harm reduction focused school drug education trial. **BMC Public Health**, 12:112, 2012.

MIDFORD, R.; RAMSDEN, R.; LESTER, L.; CAHILL, H.; MITCHELL, J.; FOXCROFT, D. R.; VENNING, L. Alcohol Prevention and School Students: Findings from na Australian 2-years Trial of Integrated Harm Minimization School Drug Education. **Journal of Drug Education: Substance Abuse Research and Prevention**, vol. 44 (3-4), p. 71-94, 2014.

MOFFAT, B.; HAINES-SAAH, R. J.; JOHNSON, J. L. From didactic to dialogue: Assessing the use of an innovative classroom resource to support decision-making about cannabis use. **Drugs: Education, Prevention and Policy**, n. 24(1): 85–95, 2017.

MONTEIRO, S.; REBELLO, S.; BRANCO, C. C.; CRUZ, M. **Educação, Drogas e Saúde: Uma experiência com educadores de programas sociais** (RJ, Brasil). Rio de Janeiro: ZIT, 2008. 80p.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 1999.

MOREIRA, A.; VÓVIO, C. L.; DE MICHELI, D. Prevenção e consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. **Educ. Pesqui.**, v.41, n.1, p. 119-135, jan./mar., 2015.

NATIONS UNIES. Office contre la drogue et le crime. Réseau mondial de la jeunesse. **Écoles: Éducation em milieu scolaire pour la prévention de l’abus de drogues.** Publication des Nations unies, New York, 2005.

RIBEIRO, M. M. **Drogas e redução de danos: os direitos das pessoas que usam drogas.** São Paulo: Editora Saraiva, 2013. p. 147.

SILVA, A. G.; RODRIGUES, T. C. L; GOMES, K. V. Adolescência, Vulnerabilidade e Uso Abusivo de Drogas: a redução de danos como estratégia de prevenção. **Psicologia Política**, v.15, n.33, p.335-354, maio-agosto, 2015.

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 637-644, 2010.

\_\_\_\_\_. A abordagem de redução de danos libertadora da prevenção: ações redutoras de vulnerabilidade. In: SILVA, E. A; DE MICHELI, D. (Orgs.). *Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa*. São Paulo: FAP/Unifesp, 2011. p. 599-616

SOUZA, J. (org.). **Crack e exclusão social**. Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, Brasília, DF, 2016, 360 p.

SOUZA, K.M.; MONTEIRO, S. A abordagem de redução de danos em espaços educativos não-formais: um estudo qualitativo no estado do Rio de Janeiro. **Interface – Comunicação, Saúde, Educ.**, v. 15, n.38, p.833-844, jul./set. 2011.

SUDBRACK, M. F.; CONCEIÇÃO, M. I. G.; SEIDL, E. M. F.; GUSSI, M. A. (Org). **A escola em rede para prevenção do uso de drogas no território educativo: Experiência e pesquisa no PRODEQUI/PCL/IP/UnB nos dez anos de formação de educadores de escolas públicas para prevenção do uso de drogas (2004-2014)**. Campinas: Armazém do Ipê, 2015.

TRIGUEIROS, D. P.; HAIEK, R. C. Estratégia de redução de danos entre usuários de drogas injetáveis. In: SILVEIRA, D. X.; MOREIRA, F. G. **Panorama atual de drogas e dependência**. São Paulo: Atheneu, 2006. p. 355-358.

Data do envio: 19 de abril de 2018  
Data do aceite: 20 de maio de 2018.